

Pesquisar a imprensa e as transferências culturais no Brasil

*Uma entrevista com
Valéria dos Santos Guimarães¹*

Yuri Cerqueira dos Anjos (entrevistador)²

Resumo: Professora de História na Universidade Estadual Paulista (UNESP-Franca), a Dra. Valéria dos Santos Guimarães é uma das figuras que lideram a pesquisa acerca da imprensa periódica no Brasil. Seu trabalho tem como foco as transferências culturais que se operam nos séculos XIX e XX por meio da imprensa periódica. Nessa entrevista ela expõe seu percurso, seus projetos, bem como analisa a situação desse campo de pesquisas no Brasil. Por fim, a pesquisadora propõe sugestões aos futuros estudantes que venham a se interessar pelo assunto.

¹ Professora de História na Universidade Estadual Paulista (UNESP-Franca)

² Professor da Victoria University of Wellington (Nova Zelândia).

Palavras-chave: Valéria dos Santos Guimarães; transferências culturais; imprensa; entrevista.

**ÉTUudier LA PRESSE ET LES TRANSFERTS CULTURELS AU BRÉSIL :
UN ENTRETIEN AVEC VALÉRIA DOS SANTOS GUIMARÃES**

Résumé : Professeur d'Histoire à l'Université de l'État de São Paulo (UNESP-Franca), Dr. Valéria dos Santos Guimarães est à la tête des recherches sur la presse périodique au Brésil. Ses travaux se concentrent sur les transferts culturels au XIX^e et XX^e siècles qui se manifestent notamment à travers la presse périodique. Dans cet entretien elle explique son parcours, ses projets et propose une analyse de la situation actuelle de ce champ de recherches au Brésil. Finalement, elle propose aussi une série de suggestions aux jeunes chercheurs qui s'intéressent à ce sujet.

Mots-clés : Valéria dos Santos Guimarães ; transferts culturels ; presse ; entretien.

A ENTREVISTA

YCA: Prezada Valéria, primeiramente, é uma honra contar com o seu depoimento para o nosso dossiê da *Non Plus* sobre a Imprensa francófona. Seu trabalho nesse campo é fundamental para os pesquisadores de hoje. Gostaria de começar com uma pergunta que retoma um pouco seu percurso de pesquisadora: como surgiu para você o interesse pelo estudo dos jornais em francês no Brasil?

VSG: Primeiramente, gostaria de agradecer o convite para a entrevista.

Na verdade, minha pesquisa original, que resultou na minha tese de doutorado (GUIMARÃES, 2013), era sobre representações de populares nos *faits divers* (espécie de antepassados das notícias sensacionalistas), o que me levou ao estudo desse gênero da imprensa e ao interesse pelas transferências culturais entre o Brasil e a França no âmbito da imprensa periódica.

A presença de franceses no Brasil, somada à predominância cultural francesa nessa época – Paris, capital cultural do século XIX, como disse Walter Benjamin –, entre outros fatores, resultou na predominância dessa matriz no nosso periodismo. O *fait divers*, que logo se tornou um gênero do jornalismo, era o modelo mais usado na imprensa brasileira, mais que a fórmula americana (*yellow journalism*). Assim, passei a procurar jornais sensacionalistas franceses nos acervos brasileiros a fim de melhor entender como se deram essas trocas de referências, modelos, temáticas, imaginários. Estranhamente, achei muito poucos jornais como *Le Petit Journal*, por exemplo, emblemático pela predominância de *fait divers*. Embora ele fosse citado

aqui e acolá em obras literárias, nos jornais, em revistas e reprises (repetições corta-e-cola de notícias de outros jornais, muito comuns nessa época), o que levava à hipótese de que havia sido lido, era muito pouco numeroso nos acervos, apesar de ser um dos jornais com maior tiragem na época. Suponho que este tipo de jornal, repleto de crimes sangrentos, era considerado de mau gosto, uma “má leitura” e talvez por este motivo tenha sido preterido por outros títulos vistos como uma leitura mais edificante.

Por outro lado, encontrei muitos jornais e revistas importados de Paris em arquivos e bibliotecas, catálogos e anúncios de livreiros, citações em obras literárias, crítica etc. e comecei a pensar que esse poderia ser um bom objeto de estudo para documentar hábitos de leitura. Durante esse trabalho, deparei-me com outros tantos títulos de jornais em francês, mas agora publicados no Brasil, o que era curioso. Fui procurar sobre esse corpus e muito pouco havia sido feito até então. Estes novos periódicos faziam parte do meu corpus, mas tinham uma dinâmica totalmente diversa daquelas publicações que estava analisando e tive que separar o trabalho em dois. Outro problema metodológico, porém, logo surgiu: a nomenclatura que define “jornal” e “revista” não é precisa. Por vezes encontrava periódicos que se autodenominavam “jornal” com aspecto de “revista” e vice-versa. Devido a tal dificuldade, incluí revistas e alguns almanaques (apenas os que foram publicados no Brasil), embora o nome do projeto e do site continue como “Jornais franceses no Brasil”. Daí que é mais seguro definir meu corpus como “periódicos” e não apenas jornais.

E foi assim que passei a trabalhar com a circulação e publicação de jornais franceses no Brasil.

YCA: Ao iniciar suas pesquisas qual era o cenário do debate em torno desse corpus?

VSG: Se falarmos de trocas culturais entre França e Brasil, há muitos trabalhos, sobretudo no campo da literatura comparada, mas também da história. Sandra Nitrini publicou um artigo recentemente em que faz um balanço da trajetória da literatura comparada no Brasil e é possível ver que esta quase se confunde com a história das trocas culturais entre os dois países (NITRINI, 2018). Na história, acho que o nome mais emblemático é Mario Carelli que é o precursor em lançar um olhar comparativo usando o instrumental do historiador e inova ao privilegiar os “cruzamentos” mais que “influências” de forma muito pioneira (CARELLI, 1994).

Mas a maioria desses estudos utilizava o jornal apenas como fonte e não como objeto em si de estudo. E a maioria dos títulos que consegui encontrar nessa minha tentativa “cartográfica” para saber que periódicos tinham sido publicados em francês no Brasil não eram sequer citados, provavelmente porque ainda jaziam desconhecidos nos arquivos. Eram arrolados, sobretudo, os jornais parisienses e um ou outro jornal franco-brasileiro era citado.

Alguns trabalhos que exploravam mais diretamente os jornais alófonos foram o do Claudio Batalha (*Le Sud Américain*, RJ, 1885-1886) e sua orientanda Letícia Canelas (*Le Courrier du Brésil*, RJ, 1854-1862), que eu cito nos meus textos, mas eram exceções. Ela, inclusive, chegou a fazer um primeiro levantamento dos jornais publicados no Brasil que consultei por um bom período, porém, ela tinha como base os acervos da Biblioteca Nacional e o levantamento do bibliófilo Gondin da Fonseca em que não constavam vários títulos que eu ia encontrando durante a pesquisa. Então comecei a “conferir” a tabela dela, inclusive notando erros do trabalho de Gondin e nos catálogos da BN (que eles dividem em Periódicos, Periódicos Raros e Periódicos microfilmados, dificultando o trabalho do pesquisador). A tabela só aumentou, vários dados foram conferidos e até hoje ainda acho algum título novo. Fiz uma publicação dessa tabela (revisada) no artigo “Imprensa franco-brasileira e mediação: Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX” (GUIMARÃES; LUCA, 2017) porém já fiz outra revisão e estou prestes a colocar a versão definitiva no site do projeto.

O fato de ser um corpus muito reduzido e grande parte dele apenas localizada recentemente, fez com que trabalhos sobre uma “imprensa imigrante” como o de Marcelo Cintra não lhe fizessem qualquer menção. E mesmo a abordagem de Cintra repete uma concepção comum à historiografia do impresso periódico em língua estrangeira, que é classificá-lo como imprensa étnica, isolado da imprensa nacional, como se não tivesse sido publicado no Brasil ou como se fosse dirigido apenas às colônias, o que as pesquisas têm desmentido.

No caso dos periódicos franco-brasileiros, eram obviamente voltados a leitores francófonos (franceses, suíços, belgas) mas também ao público em geral, brasileiro ou estrangeiro, até pelo fato do francês ser língua franca na época, a língua da diplomacia e das pessoas cultas, ou seja, de quem lia, inclusive uma parte ilustrada da elite brasileira. Além disso, a pesquisa demonstra que o conteúdo desses periódicos versava não só sobre os interesses dos grupos imigrantes francófonos, mas também sobre os acontecimentos locais, o que alimentava ainda mais o debate com os nacionais.

YCA: Você iniciou o amplo projeto *Jornais Franceses no Brasil (JFB)*, conte-nos um pouco sobre esse projeto.

VSG: É um projeto que começou sem grandes ambições e que logo se deparou com uma quantidade imensa de trabalho. A ideia era fazer um levantamento do que circulou e dar materialidade ao percurso dessa circulação, sempre tentando compreender a recepção também. Ou seja, o que me interessa não é a imprensa francesa em si, mas quais seus efeitos na história da imprensa nacional.

Os mecanismos das trocas só poderiam ser mapeados se tivéssemos a ideia de como se formaram essas coleções nos acervos locais, quem são os mediadores envolvidos (os *passeurs culturels*, para usar um conceito caro à Michel Espagne et

Michael Werner, que formularam a teoria das transferências culturais) e qual o sentido dessas trocas, o que acarretam para nossa cultura, se essa recepção era tão passiva quanto o conceito de “influência” supunha.

Daí partimos para o levantamento de títulos e a organização deles em um Banco de Dados que foi formulado com essas “entradas” (mediadores, produtores etc.), além das entradas mais comuns em bases de dados como essa como título, editor, endereço etc.

Porém, o número de títulos encontrado foi muito maior que eu imaginava, isso porque me restringi apenas aos maiores acervos do Rio e São Paulo.

Contei com a ajuda de alunos bolsistas de iniciação científica, mas o Banco de Dados deu muito problema técnico, sobretudo porque não temos um setor de Informática bem estruturado nas universidades que possa dar suporte e manutenção, como atualizações constantes de software e cuidado com invasores (como já aconteceu, bagunçando as informações). Além disso, a cada fim de bolsa e consequente mudança de aluno, é preciso treinar os novatos, o que se mostrou muito contraproducente. O campo das humanidades digitais ainda está muito incipiente – embora caminhe a passos largos – e as universidades brasileiras ainda não estão preparadas para essa guinada, tampouco as agências de fomento que, embora financiem bolsistas, pagam um valor que é muito pouco atraente para o pessoal de Processamento de Dados que é muito bem remunerado no mercado. Então o pesquisador tem que contratar empresas para montar as bases de dados (o que também é caro) e ter bolsistas que façam a manutenção, porém essa configuração tem todos os problemas acima apresentados, de forma que teremos que pensar em como solucionar isso no longo prazo, talvez investindo mais nos Departamentos de informática das universidades, contratar mais funcionários fixos que, devidamente qualificados, possam se dedicar a manter esses sistemas, o que, com essa crise e nova proposta do atual Governo para a Educação certamente não tem chances de se concretizar.

Veja que fiz recentemente missão acadêmica para o exterior, Canadá, país que está na vanguarda na área de informática. A ideia, ainda não de todo abandonada, é reunir a base de dados do JFB com a de colegas que pesquisem sobre imprensa francófona nas Américas. Mas com que dinheiro faríamos isso no Brasil? como treinar um funcionário da universidade para se dedicar exclusivamente ao banco de dados, por exemplo, se ele tem que dar conta de inúmeras outras tarefas porque há falta de funcionários? Não é viável. Veja que o Brasil perde com isso, pois enquanto outros países podem avançar a passos largos na adoção de novas tecnologias no tratamento de dados quantitativos, aqui encontramos problemas primários, básicos, que é a falta de pessoal. Isso se soma à própria maneira do financiamento (serviços de terceiros + bolsas temporárias) e o resultado é quase sempre o mesmo: quando o financiamento acaba, as bases de dados param de ser alimentadas e atualizadas e o dinheiro já investido se perde.

A despeito de todas as dificuldades, o Banco de Dados está bem organizado e me ajudou não só na organização como na análise. Uma vez que termine essa fase de

publicações, o Banco será aberto ao público. E, justamente pelo fato do campo das humanidades digitais estar se desenvolvendo com rapidez, tem-se a esperança de conseguir algum bom financiamento para que se possa ampliar esse Banco de Dados com novas pesquisas de novos alunos que se interessem pelo tema e ter um profissional fixo e da área de Processamento de Dados para trabalhar nele. Já tenho publicações que exploram esse corpus e preparo agora uma publicação que incluirá tudo o que consegui até o momento.

O que quero enfatizar é que lidar com um corpus assim tão extenso não é fácil, sobretudo quando falamos de jornais e revistas, que um título esconde centenas, milhares de exemplares, por vezes. Além disso, organizar tudo isso com a ajuda de uma tecnologia com a qual os profissionais da área de humanas ainda não têm a expertise se mostrou um desafio de tal envergadura que, por vezes, achei que não poderia enfrentá-lo. Afinal, minha preocupação e formação sempre foi voltada para trabalhos de cunho qualitativo – como continua sendo – mas me vi na necessidade de interpretar listas, a lógica de títulos, onde foram postos a circular, por quem, por que etc.

No que tange ao conteúdo, o mais interessante foi poder entender como se formam essas coleções. Muitas têm um livreiro ou editor por trás, tentando formar uma clientela, como fez o livreiro Anatole Louis Garraux em São Paulo, o Jean-Baptiste Garnier no Rio, isso para ficar apenas em dois nomes que já são bem conhecidos na historiografia da história da leitura. Seus catálogos mostram que as escolhas não são gratuitas e a análise desses títulos suscitou várias hipóteses. A criação de uma demanda, ou seja, a formação de uma clientela que pudesse comprar seus periódicos é só uma delas. A outra é o aspecto civilizacional que essa elite francesa se imbuía em países como o Brasil, tidos como atrasados. A predominância de certos títulos sobre outros também diz muito sobre a sociedade que recebe essas publicações – títulos ilustrados eram muito mais numerosos e, dentre eles, os periódicos de moda batiam todos os recordes, o que mostra um pouco sobre os hábitos de leitura de periódicos nestas duas cidades brasileiras da época.

Já no que se refere ao corpus de jornais publicados no Brasil, que eu chamo de franco-brasileiros por não considerar que sejam exclusivamente uma “imprensa francesa”, muito foi descoberto: novos “jornalistas” (entre aspas, porque não podemos falar, nessa época, de um jornalismo profissional, menos ainda entre os imigrantes que para cá se lançaram, muitos deles aventureiros que abriam um jornal para subsistência ou para representar um grupo específico, quase um ato heroico), títulos desconhecidos, pioneirismo em técnicas empregadas etc. Depois que formamos um grupo maior para a pesquisa desse corpus, colegas têm trazido várias descobertas para o campo também. Creio que a contribuição do JFB tem sido não só a de levantar e analisar as fontes, com todas as restrições que a análise de um corpus dessa dimensão impõe, como ter incentivado um grupo de pessoas a também fazê-lo. Espero que mesmo depois de terminar meu trabalho com os periódicos franceses outros pesquisadores se sintam encorajados a fazê-lo, pois há muito o que explorar.

YCA: E o projeto *Transfopress Brasil* em que medida ele deriva do projeto *Jornais Franceses no Brasil* e em quais aspectos eles divergem.

VSG: Quando comecei com a pesquisa do JFB, o *Transfopress*, grupo de pesquisa sobre a imprensa alófona, ainda não existia. A pesquisa com transferências culturais entre Brasil e França já estava no meu radar desde o pós-doutorado, quando organizei no CHCSC-UVSQ em 2009, com Diana Cooper-Richet, uma jornada de estudos que resultou em um livro sobre o tema, em um momento em que ainda estava me familiarizando com o conceito. Assim, uma das primeiras atividades do projeto Jovem Pesquisador financiado pela FAPESP, de 2012, foi justamente convidar a profa. Diana para um curso sobre transferências culturais na Unesp. É nessa ocasião, no Brasil, que ela lança a chamada do *Transfopress - Transnational network for the study of foreign language press*.

Então, na verdade, as coisas foram concomitantes e o projeto da Diana, embora tivesse relação com o que eu e outros estavam fazendo na mesma época, tinha um recorte mais preciso, focado na imprensa alófona, que eu também estava começando a olhar, como explicado acima. Foi justamente por esta familiaridade com o tema, por já estar me dedicando à pesquisa correlata, que ela me convidou para organizar o grupo no Brasil. Então chamei a colega Tania de Luca, da Unesp, para me ajudar devido à sua experiência, competência e capacidade de trabalho inquestionáveis e assim formamos um Grupo de Pesquisa no CNPq³, devidamente certificado pela instituição, o *Transfopress Brasil - Grupo de Estudos da Imprensa em língua estrangeira no Brasil*⁴ que inclui a pesquisa sobre imprensa em língua estrangeira publicada no Brasil em vários idiomas (italiano, alemão, inglês, francês, japonês, iídiche, polonês etc.). Então fiquei com a coordenação do grupo com Tania, e, nele, desenvolvo minha pesquisa em duas frentes: sobre os periódicos que circularam no Brasil e, um recorte nesse corpus, os que foram publicados no Brasil.

O projeto *Transfopress Brasil* tem me propiciado olhar as fontes com que trabalho nessa perspectiva mais ampla em relação à imprensa alófona em outros idiomas. Embora não sejam tantos os títulos em francês publicados no eixo Rio-São Paulo, esses jornais e revistas franco-brasileiros, vistos em relação aos demais, se revelaram muito significativos pelo papel que exerceram no meio intelectual nacional devido à hegemonia francesa no longo século XIX e outros fatores que tenho listado nos artigos publicados. Mesmo assim, mesmo que não seja nada comparável aos casos italiano ou alemão (que tiveram inúmeros títulos publicados no Brasil), cerca de cinquenta títulos foram encontrados e muitos deles estão disponíveis para consulta. O legal do grupo também é aprender com colegas novas formas de análise desse corpus, novos olhares provenientes de abordagens que vêm de outras áreas

³ Grupo de Pesquisa no CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3549766137663642>

⁴ Site do Projeto: <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/>

como letras, educação, comunicação etc. E, como desdobramento do Transfopress, no campo dos jornais francófonos, estamos com um projeto coletivo sobre a imprensa francófona nas Américas. Aos poucos, a crescente maturidade dos trabalhos tem dado a todo grupo a possibilidade de fazer análises transversais, com o cruzamento de dados entre países, o que promete trazer resultados cada vez melhores e afinados com uma certa renovação no campo da história da imprensa iniciada bem há alguns anos e que espero estar contribuindo.

YCA: Já que a *Non Plus* é uma revista notadamente ligada ao campo das letras, não posso deixar de perguntar como você vê esse contato interdisciplinar entre letras e história no corpus e nas pesquisas dos jornais francófonos?

VSG: Jean-Yves Mollier chamou a História Cultural (do Livro e das Mídias) de uma “*Histoire Carrefour*”, ou seja, uma história que está no cruzamento de vários campos intelectuais: história, letras, educação, sociologia, comunicação etc. No caso específico das Letras, o pessoal ligado à educação e à literatura e crítica literária (talvez linguística), creio, foram os primeiros a se identificar com seus métodos e abordagens – que não são monolíticos, mas, visto de forma geral, colocam o objeto de estudo em uma análise sincrônica, como é próprio das Letras, mas também diacrônica, que é próprio da História, da crítica literária e da Educação. Pesquisadores que trabalham com tradução também entraram nesse raio de ação da História Cultural e, a despeito da polissemia que uma tal designação pode resultar, visto que “cultura” não é um conceito simples de definir, o ganho foi para todas as partes. Isso para não falar dos estudos da comunicação ou da sociologia da comunicação, que não falarei aqui, pois a pergunta é bem específica. Esse olhar cruzado, para usar uma palavra muito utilizada para se falar dessa sobreposição e interação de referências culturais, tem proporcionado trabalhos de altíssima qualidade e nos desafiado a uma atualização constante.

No que diz respeito aos periódicos francófonos, seria impossível fazer uma análise no campo da História, que é de onde vem o meu olhar, sem contar com toda uma tradição da crítica literária que foi pioneira em perceber que a presença francesa no Brasil foi determinante para dar as feições da nossa configuração cultural, do campo da moda à medicina, da religião aos ideais republicanos ou socialistas, da política ao estilo leve das seções de variedades etc.

Os estudos sobre recepção, muito sofisticados no Brasil, até devido à herança do nosso modernismo que logo se colocou em uma posição ativa frente à recepção à cultura estrangeira, cedo refutaram o mito da “influência francesa” pura e simples, seja via direta ou indireta (com passagens por Portugal ou Grã-Bretanha). Poderia aqui dar vários exemplos, mas por receio em deixar alguém de fora prefiro não citar, afinal, o número de novos trabalhos é tão grande que certamente cometeria injustiça.

Ao mesmo tempo, vários estudos historiográficos também tentaram dar conta dessa questão complexa que é a recepção. Menos focados na circulação e seus mecanismos, muitas vezes negligenciando os atores (devido à crítica a uma história de personalidades ou “heróis”), mas em busca da compreensão da formação cultural brasileira, historiadores têm debatido o tema da história comparada há muitos anos, com resultados dos mais brilhantes.

Analisar esse corpus sem esse instrumental que precede à pesquisa com os periódicos seria impossível. E poder lançar mão de tais referências, tentando cruzá-las na tentativa de análise desse corpus, tende a conduzir a resultados mais complexos e inovadores.

A literatura no periódico já não é mais analisada apenas pelo seu conteúdo estético, ou mesmo histórico, caso da boa crítica literária, mas agora leva em conta a materialidade do suporte como forma de mais um determinante para os resultados da investigação.

E a história da imprensa já não vê o jornal ou revista apenas como meros suportes da informação, já não pode mais negligenciar que forma e conteúdo estão intrinsecamente ligados e fazer uma história da imprensa não é mais elencar o proprietário, a empresa e os colaboradores, mas sim toda a lógica do suporte, do tamanho, da periodicidade, do tipo de papel, público-alvo, etc., além da tradicional análise do conteúdo agora analisado sob a luz dessa abordagem.

YCA: Por fim, acho que nosso intuito aqui também é motivar os jovens pesquisadores a se debruçarem sobre o assunto. Nesse sentido, quais conselhos você daria aos jovens pesquisadores que queiram eventualmente estudar a imprensa francófona ou estrangeira?

VSG: Primeiro: sejam criativos. A repetição de modelos pode dar bons trabalhos e garantir um resultado mais rápido. Mas, em geral, não traz grandes contribuições. Ser criativo, ousar no método, ler muito para irrigar seu repertório de perguntas que podem ser feitas à fonte e jamais negligenciar o contexto histórico. E também deixar a fonte “falar” um pouco por ela. Embora se saiba que ela só “responde” ao que perguntamos, quando o investigador não se arrisca a se deixar levar pelo o que a fonte diz, corre-se o risco de ter resultados iguais, apenas com fontes diferentes. Sabe aquela pesquisa feita em “linha de montagem” em que o Orientador sugere um método (em geral por ele desenvolvido e que ele julga como o melhor) e que o aluno só pega as fontes e “encaixa” no método? Pois é. Acho que isso é o pior erro de um pesquisador.

Todos ficamos perdidos frente às fontes, mesmo o mais experiente. Mas cada um vai achando seu estilo e a tendência é que suas análises sigam esse mesmo estilo até o fim da sua vida. Alguns intelectuais têm o dom de se renovar completamente, mas a maioria não, o que é normal: ter desenvolvido um estilo próprio de trabalhar não é pouca coisa. Entenda-se por “próprio” um método que se desenvolve com amplo

diálogo com seus pares, claro. É, porque ainda encontramos por aí o pesquisador que acha que inventou a roda, que é completamente original, inovador (risos). Chega a ser um pouco (ou muito) ridículo e, em geral, não são levados a sério – mas existem muitos psicopatas por aí que ainda arregimentam seguidores que concordam que ele seja, de fato, um gênio completamente original – sabemos onde isso pode resultar, inclusive na exaltação de “gurus” de governos autoritários, por exemplo...

Então, recomendo que o jovem não só fique longe de intelectuais dessa estirpe como desenvolvam seu próprio estilo de trabalho. Como disse acima, não que isso seja fácil. Mas acho fundamental, como orientador, deixar que o pesquisador procure sozinho, erre, se perca (e se ache!), leia livros que depois percebe que não são úteis, se encante com fontes que nem sempre são pertinentes. O orientador tem que deixar o aluno “se virar” um pouco. Quando está muito perdido ou desviando do tema, o aluno tem que ser alertado, mas nunca o professor pode inibir o que há de mais encantador na pesquisa, que é a descoberta, incluindo os erros e desvios, a análise e resultado de uma fonte que, de início, parecia não ter nada a ver, mas que depois, vista no conjunto, vai dando sentido àquela nossa vã tentativa de ligar os pontos de forma definitiva (que nunca será). Inibir esse percurso, pedir que um aluno encaixe seu trabalho num modelo, não é só acabar com o encanto da pesquisa, mas com a própria possibilidade de renovação da pesquisa, pois você só terá aqueles que reproduzem seus métodos e não aqueles que te superam. E é essa superação constante que é, a meu ver, a própria lógica da pesquisa acadêmica. Afinal, os métodos estão aí para nos ajudar, não para aprisionar.

O legal da investigação científica é que partimos de uma hipótese, porém nem sempre conseguimos comprová-la. Aqueles que tentam comprovar as hipóteses a todo custo, mesmo que a fonte leve para outro lado, tendem a se meter em meros exercícios de erudição e a contribuir, efetivamente, muito pouco. Os mais ousados erram, mas pelo menos tentam e, às vezes, acertam. Inclusive se contradizem, pois são capazes de perceber seus erros e tentam, nos trabalhos subsequentes, chegar ao que julgam ser uma melhor interpretação.

Outro conselho é: digam não ao plágio. É comum hoje vermos pesquisadores dedicados que levaram muito tempo para chegar a alguma conclusão serem citados sem referência adequada, ou seja, serem copiados. E pior que isso não é prerrogativa de aluno ou pesquisador inexperiente pressionado pelos prazos e necessidade de produção. Há pessoas experientes que frequentam congressos, ou que emitem pareceres, ou que são bancas em processos seletivos, que se aproveitam do acesso a inéditos para publicarem ideias de outros sem crédito. Isso não é novidade, mas tem se acirrado em tempos de pressão por produção em ritmo industrial. Há até um movimento que se chama “Slow Science” que tenta combater essa ansiedade gerada por uma hiperprodução que afeta alunos e colegas ao ponto de eles não terem mais a mínima noção de ética. Isso não quer dizer não produzir... Alguns se aproveitam desse discurso e produzem pouco ou nada. Não é isso. Mas é fazer menos e melhor,

na lógica das ciências humanas – que tem sido forçada a obedecer a parâmetros das ciências exatas ou biológicas nos processos avaliativos cuja lógica é outra. Esse é um debate constante no seio das ciências humanas e espero que o futuro nos reserve melhores condições de trabalho, afinal, essa corrida por pontos tem tornado a vida acadêmica muitas vezes sem sentido e pouco atraente para uma geração que já não encara a realização pessoal apenas por meio da realização profissional, no que estão certíssimos.

E, por fim, gostaria apenas de fazer uma declaração: nunca se intimidem se alguém perguntar o sentido ou utilidade do que pesquisa. Ouvi muito isso, desde a tese. Eu estava fazendo um trabalho sobre a representação dos suicidas na mídia, por que a narrativa dessas notícias sensacionalistas tinha me chamado atenção, e hoje vemos a pertinência do tema: mas não foram poucos a me questionarem, inclusive professores mais “engajados” que não viam nessa análise uma leitura política da sociedade que estigmatiza certos tipos sociais. Hoje é sobre a pertinência de pesquisar sobre jornais franceses. Claro, se uma pessoa que não é do meio acadêmico coloca essa questão, acho válido explicar que a pesquisa não é “só” sobre imprensa francesa (que foi a mais importante no longo século XIX), mas sobre suas interações com a imprensa nacional e a importância que tem isso para a imprensa que temos hoje, ainda mais em tempos em que tanto se tem cobrado pela interação do pesquisador com a sociedade. E, se pensarmos que nossa cultura é muito midiaticizada, faz ainda mais sentido investigar a história da imprensa. O que é estranho é ouvir questionamentos de dentro da Academia, algo como “porque não pesquisa a imprensa local?”. Fiquei tão surpresa com a pergunta quando feita por um colega que sequer consegui responder, foi constrangedor. Então, se tem um último conselho, tenha claro que seu trabalho se justifica, que ele merece respeito e, de preferência, financiamento (risos). Para isso, conte com a ajuda de professores e intelectuais que admire, se certifique da pertinência da sua pesquisa para seus pares, que é a opinião que realmente importa pois são os únicos qualificados a avaliá-lo, e nunca se abale frente àqueles que não veem sentido na pesquisa da área de humanas. Afinal, no fundo, esse é o real motivo de uma questão como essa, que valoriza apenas aquilo que se julga “aplicado”, debate, esse, infelizmente, muito atual no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: Intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas/São Paulo: Papyrus, 1994.

GUIMARÃES, Valéria. *Notícias Diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez*. São Paulo: Mercado de Letras, 2013.

GUIMARÃES, Valéria; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Imprensa em língua estrangeira publicada no Brasil: primeiras incursões*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017.

NITRINI, Sandra. *Um olhar sobre a literatura comparada no Brasil. Cadernos do IEB 10*. São Paulo: IEB/USP; ABRALIC, 2018.